

DESCONTINUIDADE DO APRENDER: uma Abordagem no Ensino de Filosofia

Aprendo contigo mas você pensa que eu aprendi com tuas lições, pois não foi, aprendi o que você nem sonhava em me ensinar.

Clarice Lispector

Ramires Fonseca Silva¹

1. ramiresfsilva@gmail.com

Resumo

A comunicação visa analisar como as propostas curriculares elaboradas pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, direcionadas ao ensino de filosofia – Ensino Médio – são assimiladas pelos estudantes no Colégio Estadual Professora Maria Bernadete Brandão em Salvador. Tais diretrizes não contemplam uma abordagem significativa. Ao contrário, sinalizam em direção de práticas inclinadas a reproduzirem as condições institucionais de passividade do alunado. Trata-se, pois, de explorar os caminhos sugeridos por Gilles Deleuze, quando apresenta o ensino de filosofia como uma experiência do pensamento na resolução de problemas.

Palavras-chave: Docência; filosofia; problema.

Abstract

The communication aims to analyze how the proposed curriculum developed by the Secretariat of the State of Bahia Education, directed to teaching philosophy – high school – are assimilated by students in State College Professor Maria Brandão Bernadette in Salvador. These guidelines do not include a significant approach. Instead, signal toward practices inclined to reproduce the institutional conditions of passivity of students. It is, therefore, to explore the ways suggested by Gilles Deleuze, when presenting the teaching of philosophy as a thought experiment in problem solving.

Keywords: Teaching ; philosophy ; problem.

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO



Introdução

Este trabalho visa compreender como as propostas curriculares elaboradas pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, direcionadas ao ensino de filosofia – ensino médio regular – são apropriadas pelos estudantes no Colégio Estadual Professora Maria Bernadete Brandão, no bairro do Cabula em Salvador-Ba. Observa-se que a implementação dos conteúdos referenciais para o ensino médio e, também, as competências e habilidades para o ensino médio, sugeridos pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, não contemplam uma abordagem de assuntos filosóficos significativos, cujas temáticas possibilitem o acesso dos estudantes ao pensar emancipatório. Ao contrário, sinalizam em direção as práticas inclinadas a reproduzirem as condições institucionais de passividade do alunado. E mais, tem produzido generalizações que vêm servindo para deslegitimar práticas didáticas engendradas por professores de filosofia, consolidando assim, contextos que não condizem com procedimentos didáticos assimiláveis, evidenciando apenas propostas que engessam o fazer do docente.

Nesse sentido, observa-se que os documentos oficiais apresentam sinais de uma prática pedagógica tradicional, pautada por objetivos, que nem sempre trazem referência de tempo e espaço – descontextualizados – privilegiando apenas as dimensões cognitivas sem, atingir os aspectos afetivos e culturais que viabilizem uma formação significativa dentro dos ambientes didáticos. Reforçando dessa forma, comportamentos de adaptação e acomodação, que a meu ver, traduzem a preocupação burocrática de fazer cumprir um calendário escolar, sendo em certo sentido, pedagogicamente irrelevante (Cf. DE FARIAS et al. 2011, p. 119).

E mais, os documentos sinalizam também, em alguns aspectos, para um ensino de filosofia com certa exclusividade interdisciplinar. Bom, se a presença da filosofia nesta modalidade de ensino for considerada justificável porque possui um teor de garantia da interlocução entre diversas disciplinas, penso que é complicado, pois não seria de abrangência mais ampla o diálogo

interdisciplinar, ou seja, todos os componentes curriculares teriam o papel de promover tal interlocução. Este componente curricular, a filosofia, não teria a prerrogativa de ser vanguarda na proposta interdisciplinar, mas de contribuir na diluição das fronteiras entre os saberes.¹

Logo, o risco da filosofia não satisfazer tal procedimento interdisciplinar, inviabilizando sua importância pode converter-se em justificativa de sua retirada da matriz curricular.

A partir deste contexto, a atuação do professor de filosofia nesta Unidade Escolar², utilizando olhares diferenciados – sob a ótica teórica dos escritos de Gilles Deleuze acerca da educação – aliados a uma postura mais reflexiva e autônoma, não contribuiria para gerar uma valorização das vivências trazidas pelos estudantes? E, conseqüentemente, produziria um espaço de aprendizagem propício à provocação da experiência do pensamento? Além disso, o desenvolvimento da formação continuada em educação deste profissional, neste contexto, não estaria assentado num terreno fértil de possibilidades de construções investigativas e críticas acerca do ser, e, do estar professor?

Portanto, o objetivo enquanto docente é promover um espaço de observação e acompanhamento dos estudantes, oferecendo possibilidades de construção de acessos ao pensar filosófico, tendo em vista o contexto desta modalidade de ensino na rede pública, cujo foco principal é, também, lançar possibilidades de ressignificar o ensino de filosofia, onde prevaleçam intervenções didáticas que garantam a aprendizagem significativa e a autonomia pensante do educando através da interação dialogal, entre professor criativo e alunado dotado de experiências cotidianas do mundo vivido, as quais possam ser valorizadas no contexto escolar, afastando-se assim, daquilo que Jacques Rancière denominou de “embrutecimento” dos estudantes.

¹ Embora não iremos desenvolver os impactos da interdisciplinaridade no fazer do/a professor/a de filosofia neste trabalho, destacamos, apenas, como mais uma possibilidade didática, problemática, no chão da escola.

² Vale ressaltar que, sendo supervisor do Pibid/Filosofia/UFBA (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) tenho a oportunidade em participar de vários encontros com docentes de filosofia no Estado, onde a reflexão da prática docente aponta para um comportamento, às vezes, subserviente dos professores em relação às deliberações padronizantes da Secretaria Estadual de Educação, muitas vezes, inclusive, estes docentes não possuem nem mesmo a licenciatura na área, comprometendo ainda mais a aceitação acrítica dos documentos oficiais.

Diluindo assimetrias existentes entre professor e estudantes, fruto, em muitos casos, de uma linha de raciocínio engessada pela pedagogia tradicional, na qual o ensino é que monopoliza os fazeres pedagógicos – a escola se propondo a transmitir o produto final do saber científico e universal –. Nesse sentido, o docente seria um detentor de conhecimentos e o alunado receptor de saberes, logo, no território de uma didática de filosofia, a transmissibilidade dos conhecimentos ganha lugar de destaque.

Ao contrário de uma tutela como centro do processo educativo, o universo pedagógico da educação básica com o propósito de mostrar responsabilidades partilhadas entre os docentes e os estudantes, permitindo-lhes refletir sobre como reconstruir caminhos, a fim de que compreendam melhor o universo cultural em que vivem, buscando assim, mobilizá-los para reflexões criativas a partir de vivências dos seus próprios repertórios cotidianos. Além disso, faz necessário valorizar saberes construídos, para além dos muros da escola, sobre os quais o ensino de filosofia possa desenvolver nos estudantes sua validade de forma horizontal e pluralista, permitindo-lhes espaços de interlocuções, ou seja, o ensino de filosofia encarnado na sociedade ou ‘mundanidade’ a partir de significados trazidos para a escola, sempre como pressuposto que a escola é território de atravessamentos, de relações, de diversidades, onde a criatividade floresce.

Desafio do caminhar

Nesse panorama, e fugindo de uma lógica da explicação, isto é, uma pessoa sabe e explica a outra que não sabe, numa dimensão de passividade do alunado. Busca-se encontrar pistas que poderíamos propor para equacionarmos obstáculos na prática da filosofia no ensino médio, na modalidade regular. Observa-se que a produção teórica feita pela filosofia francesa contemporânea, mais especificamente por Gilles Deleuze, quando trata o ensino de filosofia em algumas obras tais como *Proust e os Signos* e *Diferença e Repetição*, em que o aprender ocupa

um espaço de destaque. Aliás, aprendizagem para Deleuze são “atos subjetivos operados diante do problema”.

Optou-se então num deslocamento de perspectiva para o ensino de filosofia no ensino médio, sobretudo, numa abordagem que tenha significância para os envolvidos, a saber, estudantes, docente e a comunidade escolar em geral. Colocando relevância no aprender, e não no saber. “Deleuze tira o acento da emissão dos signos (o ensinar) para colocar no encontro com os signos (o aprender), não importa por quem ou pelo que eles tenham sido emitidos” (GALLO, 2013, p. 184)

Deleuze vai falar da experiência do pensamento na resolução de problemas, operando uma mudança no pensamento filosófico tradicional que estaria, ainda, calcado na representação – que coloniza nosso pensamento desde Antiguidade –, isto é, segundo ele, na ‘tradução’ do pensamento do filósofo, onde predomina, em certa medida, uma repetição de um caminho já trilhado. Este procedimento ‘paralisa’ o pensamento. Deleuze utiliza o termo “reconhecimento”, onde assenta a pedagogia ocidental. Aqui o aprender é adquirir, possuir um saber, e adquirimos com o aprendizado que pode ser mensurado, quantificado pelos processos avaliativos que dizem se o aluno aprendeu ou não. O que Deleuze nega, e nós concordamos, é exatamente o contrário desta proposta: um ensino de filosofia que oportunize aos estudantes experimentar seus próprios pensamentos, implicando daí um aprendizado criativo e inovador, e não simplesmente reprodutivo.

Diferente disto, o movimento do pensamento surge a partir da ideia do ‘problema’ a ser resolvido, debatido, refletido e na tentativa de solucioná-lo, dentro de um formato que cause um dever do pensar. Analisado sob este ângulo, a estratégia criativa prevê um trabalho plausível, que possibilite ao docente um ambiente pedagógico construtivo, no qual o alunado esteja sempre inserido, dentro de um contexto peculiar, com suas vivências, as quais serão motivadoras e os levarão a enfrentar questões do seu tempo.

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO



O “problema” não pode ser apresentado como “falso problema”, como um artificialismo que usamos como ferramenta para construção do pensamento. Não se pode transformar o problema em método, em metodologia, como etapa a ser superada; o problema é objetivo, fruto da experiência.

Tentativas pedagógicas procuram obter a participação de alunos, mesmo muito jovens, na confecção de problemas, em sua constituição, em sua composição como problemas. Ainda mais, todo mundo ‘reconhece’ de certa maneira que o mais importante são os problemas. Mas não basta reconhecê-lo de fato, como se o problema fosse tão somente um movimento provisório e contingente, fadado a desaparecer na formação do saber [...]. Ao contrário, considerar o problema não como ‘dados’, mas com ‘objetividades’ ideais que têm suas suficiências [...] (DELEUZE, 1988, pp. 228-229).

Aqui haveria um deslocamento no termo “problema”, não seria logo lançado com o intuito de obter soluções, mas uma condição de possibilidade do próprio pensamento apresentar-se. E continua Deleuze, agora pensando em Artaud.

Sabe que o pensar não é inato, mas deve ser engendrado no pensamento. Saber que o problema não é dirigir, nem aplicar metodicamente um pensamento preexistente por natureza e de direito, mas **fazer que nasça aquilo que ainda não existe** (...). Pensar é criar, mas criar é, antes de tudo, engendrar ‘pensar’ no pensamento (grifo nosso) (DELEUZE, 1988, p. 213).

Assim, o que força o alunado a pensar no sentido lato do termo é algo que o afeta, que faz com que se mova na direção do pensamento, e esse algo se apresenta como problema. Nesse sentido, produz daí, condições de possibilidades de um ensino de filosofia mais significativo para este perfil de alunado, onde o desenvolvimento do pensamento teria um movimento na criação de equacionamentos de problemas singulares. Deleuze diz que, por exemplo, quando Aristóteles definiu que “o homem é um animal racional”, animal portador da palavra, animal que pensa; essa imagem é representacional, engendrada pelo próprio pensamento para justificar-se. Para este pensador francês, o pensamento não é natural, mas compelido [forçado]. E quem nos força a pensar? O problema. (Cf. Gallo, 2012, p. 71).

A prática da filosofia no ensino médio, a meu ver, engendrará resultados significativos se e somente se, desestabilizar a relação de tutela que existe entre o docente e os estudantes; trabalhando com referências de problematização que sirvam como guias para se alcançar a

experiência do pensamento do alunado através do problema que, por sua vez, mobilizará o pensar filosófico, germinando assim, a criação conceitual numa dimensão horizontalizada.

O problema seria como um encontro de signos, algo que sensibilizasse os estudantes, que seriam afetados por algo que tivesse significado em suas vidas.

Qualquer relação, com pessoas ou com coisas, possui o potencial de mobilizar em nós um aprendizado, ainda que ele seja obscuro, isso é, algo de que não temos consciência durante o processo. É apenas ao final que aquele conjunto de signos passa a fazer sentido; e, pronto, deu-se o aprender, somos capazes de perceber o que aprendemos durante aquele tempo, que nos parecia perdido. (Gallo, 2013, p. 185)

E Deleuze ratifica:

Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprende, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. (Deleuze, 2003, p. 21)

Dentro desta dinâmica emancipatória, o ensino da filosofia deve valorizar situações significantes, que abram espaço para o professor buscar elementos criativos, dentro do contexto pedagógico, onde prevaleça a sensibilidade didática do docente. Além disso, não se corre o risco de reduzir a autonomia do professor, nos limites das salas de aula, restringindo-o, quanto ao seu papel de educador, ou nas atribuições impostas pela mentalidade, engessada, da instituição escolar. Como também, ele não pode estar preso a mecanismos externos, que o torne refém dos processos de implantação de medidas à sua revelia.

Ao contrário, deve reivindicar participação efetiva nas resoluções dos “problemas” engendrados na instituição escolar, de maneira criativa, assumindo seu papel de responsabilidade social neste ambiente de aprendizagens, numa perspectiva transformadora dentro da comunidade onde atua. E essa perspectiva, esse olhar apresentado por Deleuze se torna plausível no horizonte educativo.

Como resultado, pensar o ensino de filosofia nesta perspectiva, assumindo o problema como mobilizador de pensamento original e criativo, essa proposta cumpre um dos aspectos relevantes da autonomia do profissional do magistério na educação básica, que é, a meu ver, compreender a realidade na qual estão inseridos os estudantes e ultrapassar horizontes que

limitam o trabalho docente, descartando assim a inevitabilidade de certos aspectos que enquadram os componentes curriculares, em determinados vieses de modelos metodológicos tradicionais.

Portanto, a presença desta proposta no Colégio Estadual Professora Maria Bernadete Brandão oportuniza aos estudantes, ao professor, e, também, aos demais sujeitos que convivem na escola, um leque de visões inovadoras acerca do ensino de filosofia na educação básica, fazendo com isso um deslocamento de foco, agora o aprender se destaca, diminuindo, mas não apagando, a luz do ensinar.

Tal abordagem mostra que, a presença da filosofia na educação básica precisa optar por uma formação orgânica e continuada do profissional, vinculada a um mundo concreto e efetivo com a presença de um olhar atento acerca da filosofia do ensino de filosofia, sinalizando assim, para uma busca das condições de possibilidades de uma aprendizagem emancipatória.

Nesse sentido, os procedimentos didáticos produzidos pelo professor visam, acima de tudo, aproximar o conhecimento produzido no chão da sala de aula com a realidade do alunado, levando em consideração uma leitura problematizante da educação e seus impactos nas vidas dos agentes envolvidos.

Desse modo, o caminho percorrido pelos membros envolvidos nesse processo gerou novas práticas docentes ligadas ao ensino de filosofia na educação básica e, ao mesmo tempo, sinalizou para um novo horizonte: o estreitamento de relações entre a pesquisa e o ensino. Sendo, assim, pedagogicamente relevante o fazer filosofia na educação básica.

Referências

BAHIA, Secretaria Estadual de Educação, **Conteúdos Referenciais para o Ensino Médio (Filosofia)**, Jornada Pedagógica, Salvador, Bahia, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio, Brasília, 1999.

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO



CAMPANER, Sônia. **Filosofia – ensinar e aprender**, São Paulo: Saraiva, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**, tr. Antonio Piquet e Roberto Machado, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Diferença e Repetição**, tr. Luiz Orlandi e Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**, tr. Cláudio Santana Martins, São Paulo :Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr e Alonso Muñoz, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário. **Pedagogia e Prática Docente**, São Paulo :Cortez, 2012.

GALLO, Sílvio. “Educação, criação e pluralidade de mundos: as múltiplas dimensões do aprender”, in **Filosofia e Educação** (orgs.) Amarildo Luiz Trevisan e Noeli Dutra Rossatto, Campinas :Mercado das letras, 2013, pp. 181-196.

_____. **Metodologia do ensino de filosofia – uma didática para o ensino médio**, Campinas :Papirus, 2012.

_____. **Deleuze & a Educação**, Belo Horizonte :Autêntica, 2013.

LACROIX, Alain. **Razão – Platão, Aristóteles, Kant e Heidegger**, tr. Márcio Alexandre Cruz, Petrópolis, RJ :Vozes, 2009.

MATOS, Junot Cornélio. **A Formação Pedagógica dos Professores de Filosofia – um debate, muitas vozes**. São Paulo: Loyola, 2013.

SABINO DE FARIAS, Isabel Maria et al. **Didática e Docência – aprendendo a profissão**, Brasília: Liber Livro, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**, Campinas, SP, Autores Associados, 2008.